

“A Posição Política de Câmara Cascudo em Relação às *Classes Populares*”

André Valério Sales¹

Introdução:

A filha de Câmara Cascudo, minha amiga Anna Maria, é obviamente uma testemunha ocular “**suspeita**” para falar *criticamente* de seu pai, entretanto, ninguém pode dizer que ela exagera ou está mentindo quando relembra que aquele professor “Foi um pioneiro, estudando *cultura popular* quando era considerado imoral e **subversivo** um professor **viver no meio do povo**” (Cascudo-Barreto, 2006: 45; 2003: 54; 2007: 44a)². O historiador Itamar de Souza confirma essa opinião quando declara que Cascudo era um “estudioso da *cultura popular* numa época em que este assunto era tabu e considerado **desprezível** pelos intelectuais europeizados” (1998: 221).

Souza também já afirmou que “Cascudo, cedo, entendeu que o Brasil precisava conhecer a sua *cultura*, que indiscutivelmente está **no povo**, e não na sua elite” (1998: 222). Como já citado, a socióloga Vânia Gico afirma, por sua vez, que Cascudo **não concordava** com o “pensamento **positivista** no que se refere ao *domínio cultural* das camadas *eruditas* da sociedade”; para ele “*não* havia *culturas superiores* nem *inferiores*”, mas sim, apenas “**culturas**”, no plural (2003: 37). Por isso é que o historiador José Maria Silva se refere a Cascudo como o “Historiador da cultura popular” (2003: 296). Comprovo minha especialidade no estudo da obra cascudiana em SALES, A. V. (2007, 2007a, 2012, 2013, 2014, 2015, 2017).

Repetindo a afirmação de Dorian Gray Caldas: “todo o esforço da obra” de Cascudo “é o de atingir o que é universal através do estudo comparativo das partes, *não pensando em culturas superiores ou inferiores; mas nos diferentes graus de intensidade e de valores que estas culturas alcançaram*” (2004: 35). Para Vânia Gico, Cascudo “considerava a cultura erudita e popular como **complementares** e **não** partilhava do pensamento positivista no que se referia ao domínio cultural das camadas eruditas da sociedade” (2004: 111). Também Telê Ancona Lopez (2007: 10), professora da USP, especialista na obra de Mário de Andrade, ressalta que Cascudo foi um professor que “em toda a [sua] vida (...) tanto valorizou a Educação democrática, o pensamento crítico e a Cultura Popular”, ele tinha um “compromisso com o saber **erudito** e cosmopolita que *incluía, sem contradição*, a Cultura Popular”.

¹ Possui os títulos de Graduação (UECE, 1991) e Mestrado em Serviço Social (UFPB, 1996). Tem 12 livros publicados (até 2019) acerca da História de Arez, do Rio Grande do Norte e da Vida e Obra de Câmara Cascudo. Em **2006**, Afonso Romano de Sant’Anna lhe entregou o prêmio de **melhor livro cascudiano/antropológico do Rio Grande do Norte** (Prefeitura do Natal). Em **2019**, o Prefeito de Natal, **Álvaro Dias**, lhe entregou o prêmio de melhor autor e livro acerca do Folclore e da Vida, Obra e Cascudianos. Comprovo minha especialidade no estudo da obra cascudiana em (2007, 2013, 2014), e sobre Cultura e História de Arez/RN, em SALES (2010, 2012, 2017, 2018).

² Tal como explica Moacyr de Góes, ao tratar da vida e obra de Cascudo: “me é impossível ser **imparcial** no trato de um amigo a quem dediquei especial afeto. (...) não esperem imparcialidade” (2007: 94). Obviamente, este é o mesmo caso de Anna Maria ao falar de seu pai. E não há mal nenhum nisso!

Dentre algumas qualidades atribuídas a Cascudo, Anna Maria também cita: a “ausência de preconceitos burgueses; **união carnal com o povo**; desinteresse material; a opção pela sua terra, mesmo com todos os convites [para trabalhar noutros lugares] de âmbito nacional e mundial” (Cascudo-Barreto, 2006: 44; 2007: 43). O historiador (da USP) Marcos Silva, por sua vez, declara sobre Cascudo que “a obra dele possui *dimensões políticas* de **valorizar as camadas populares** que muito me interessam” (2006: 1).

O próprio Cascudo conta que em 1928 (já aos 30 anos de idade), quando começou a ensinar História do Brasil, no Atheneu, “um professor foi reclamar ao Governador [Juvenal Lamartine] daquele novo mestre que falava de bumba-meu-boi, lobisomens e sacis. [Mesmo enfrentando esses preconceitos, acrescenta Cascudo:] **Nunca saí da cultura popular**”. Aqui notamos também que ele era um “brasileiro feliz” quando reafirma: “*Estudei o que amava*” (Vasconcelos, 2006: 1; 2007: 169), e o que ele amava era a cultura popular, o popular em sua mistura com elementos eruditos, cujos elos ele adorava pesquisar, descobrir, reconhecer e admirar-se com isso³.

Em seu livro *Tradição, Ciência do Povo*, escrito na época de sua plena maturidade intelectual, Cascudo remete a 1918, lembrando sua juventude, quando afirma que já era “*apaixonado*”, desde aquele tempo, “**pela cultura popular**”, sempre “vivendo-a, procurando-a e amando-a” (1971: 149)⁴.

Noutro texto de memórias, Cascudo explica que seu pai logo notou que o filho único não queria seguir carreira de médico, nem de advogado, e nem mesmo estudar na Europa (como era comum aos filhos da elite brasileira naquele tempo); não queria outro trabalho, além do amor à leitura e aos livros, e nem sonhava em deixar Natal. O Coronel Cascudo aceitou esse fato, mas pediu que, pelo menos, o filho estudasse Latim, coisa que ele fez. Câmara Cascudo então esclarece: “Alguém deveria ficar estudando o material **economicamente inútil**”, e como “Nunca pensei em deixar minha terra”, eu “Fiquei com essa *missão*” (1968: 6). O que significa este material “economicamente inútil”, cuja missão de estudar ele tomou para si e para a vida inteira? A cultura popular. E foi por causa dessa sua *missão* que ele nunca quis ir buscar glórias em outras terras.

Como nunca quis deixar o Rio Grande do Norte, Cascudo explica – numa entrevista a Pedro Bloch – que *resolveu* então “fazer a **valorização da cultura popular brasileira**”. E acrescenta essa explicação bastante esclarecedora: “Mário de Andrade não podia compreender. *Pensava que eu tinha sido levado à cultura popular pela erudição*. Mentira! A cultura [popular] é que me levou” a buscar explicá-la através da literatura erudita, oficial (Bloch, 1968: 85-86). Vânia Gico complementa este comentário afirmando, por sua vez, que Cascudo “não encontrou o folclore nos livros e nas viagens. Não estudou depois de vê-lo valorizado pelo registro”. Na verdade, ele **encontrou-se com o Folclore** “nas estórias do Pai, da Mãe, da velha Bibi, dos pescadores, rendeiras e cantadores, familiares”, etc. (1998a: 7)⁵.

³ Diógenes da Cunha Lima também narra, com outros detalhes, essa mesma história. Segundo relatava Cascudo: “um colega professor foi pedir ao Governador que me **demitisse**. Eu estava desmoralizando o estabelecimento. (...) porque falava pros alunos em Lapinha, Bumba-meu-boi, Pastoril. Perguntava aos alunos se eles acreditavam em Lobisomens, almas-penadas, etc.” (Lima, 1998: 70; ver também: Costa, 1969: 27; e Cascudo, *Voz de Nessus*, 1966: 15).

⁴ No livro *Voz de Nessus* (1966: 12-13) observamos pelo relato de Cascudo que ele não apenas era *apaixonado* e *vivia* a Cultura Popular, mas, inclusive, a *sentia na própria pele*; por exemplo, quando relembra: “Como filho único, doente e triste, amamentou-me o leite de tôdas as **crendices populares**. Rezas fortes, (...) rezador vindo da Serra da Raiz (...). Padeci tôdas as enfermidades folclóricas, espinhela-caída, cobreiro, entalo, dormir com os olhos abertos, como os coelhos, mijo de maritacaca, dentada [*sic*] de caranguejeira, frieira por ter pisado em cururu, verruga por apontar estrelas” (Souza, 1998: 8; e Costa, 1969: 19).

⁵ Como ressalta Franco Maria Jasiello: “um pesquisador, um grande homem, com grande visão, sabe recolher o saber daqueles que estão por perto” (2004: 248). Já o escritor francês Antoine de Saint-Exupéry, lembra que “A primeira qualidade de um homem inteligente é *compreender a linguagem dos outros* e saber *falar-lhes na mesma linguagem*”, coisa que Cascudo sabia fazer, mas, principalmente, porque o seu treinamento sempre se deu por meio dessa sua convivência, desde a infância, com as pessoas mais simples, o homem e a mulher do sertão, enfim, as pessoas do povo (Saint-Exupéry, 1984: 143).

E mais ainda, tratando da relação de Cascudo com as religiões afro-brasileiras, como citado anteriormente, o antropólogo Roberto Motta afirma que “apesar de seus *privilégios de classe* e de *família*, [Câmara Cascudo] **pertence ao contexto social e cultural** no qual se origina e insere o catimbó”: a sociedade e cultura africana/negra (2003: 182). Ou ainda, como o próprio Cascudo já disse, tratando de suas pesquisas na África: “**Vivi a vida africana**. Não como branco civilizado, mas como **negro honorário**” (2006: 1).

O historiador Cláudio Galvão lembra, analisando a coletânea de Cascudo *O Livro das Velhas Figuras*⁶, que nesta coletânea de ensaios o “personagem popular, humilde e, às vezes, **anônimo** e escondido sob um simples apelido, recebeu, entretanto, *igual atenção* e cuidadoso tratamento” que as outras figuras eruditas de destaque na história do Rio Grande do Norte, “visando evidenciar sua passagem ou o papel que desempenhou na vida local” (2003: 159). Nesta coleção de crônicas, **maestros eruditos** e velhos boêmios **seresteiros** são “nivelados” por Cascudo, num mesmo grau de importância para história potiguar. Todos são por ele considerados “*vidas dignas de memória*”, e por isso, segundo a intenção de Cascudo, são “**salvos** do esquecimento” (*id.*: 159-160)⁷.

Segundo Vicente Serejo, tal como acima citado, “No Brasil, a indagação folclórica ganha vulto com os **românticos** e projeta sobre a noção de ‘**povo**’ uma inegável **imagem conservadora**, esvaziada de dimensão social, objeto da ação **paternalista** do folclorista que admite o saber desse povo e **salva** esse saber”. Porém, continua o autor, “de acordo com a interpretação de Renato Ortiz, *essa atenção* orientada para o **povo** já traduzia, [mesmo] no século 19, o **protesto** das culturas regionais **contra a cultura letrada**, do Rio de Janeiro, a Corte. Na conclusão de *Românticos e Folcloristas*, ele escreve que o estudo da cultura popular seria ‘uma espécie de **consciência regional** que *se contrapõe* ao traço **centralizador do Estado**’” (2006: 38-39)⁸.

Ou seja, pelo que vimos até aqui, o que se apreende é que Cascudo doou toda a sua vida buscando sempre **registrar** para a posteridade, apenas para “**roubar do esquecimento**” (1924a: 84) aquelas coisas do povo, como ele explicava já aos 26 anos de idade⁹. Cascudo, portanto, queria “**defendê-las** do esquecimento” (Cascudo, 1929: 130)¹⁰. Sua intenção sempre foi a de **preservar a**

⁶ Publicada desde 1974 pelo Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHG/RN), estando atualmente no 9º volume, essa coletânea de textos de Cascudo reúne centenas de *Actas Diurnas* (crônicas escritas diariamente para os jornais potiguares *A República* e *Diário de Natal*), que versam sobre personagens de destaque na história local, tanto pessoas comuns quanto homens e mulheres ilustres; eventos importantes; fatos simples da cultura popular; etc. Jurandy Barbosa afirma sobre as *Actas Diurnas* que Cascudo as “compõe, *mais com o coração* que com o cérebro, para manter uma conversa diária com a sua gente, de preferência sobre assuntos locais” (*A República*, 18/6/1959, *in.* Souza, 1998: 76).

⁷ Em 25 de maio de **1939** Cascudo inaugurou a sua coluna jornalística chamada de *Acta Diurna*, com reportagens de 1 página apenas, primeiramente no jornal *A República*, depois passando para o Jornal *Diário de Natal* (Souza, 1998: 38). Entre 1939 e 1960, quando deixou de escrevê-las, foram dadas a público **1848** *Actas Diurnas*; é curioso notar que 70% delas (1292) foram publicadas na década de 1940 (*id.*: 60).

⁸ Como já vimos, a obra de Cascudo produzida em meados da década de **1940** demonstra essa sua concordância com o “protesto” identificado por Renato Ortiz (no século XIX). Nas palavras de Rui Barros, a preocupação de Cascudo, na década de 1940, “com a variedade e *geografia* estava em sintonia com a dissolução de um **regime [ditatorial] centralizado** e autoritário, o Estado Novo [1937 a 1945], e o reaparecimento dos *problemas regionais* (2003: 151).

⁹ Em sua crônica intitulada “Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte”, de 7 de maio de 1924, publicada no Jornal *A Imprensa*, Cascudo refere-se a pessoas importantes para nossa história local, simples ou ilustres, como “vultos” históricos que devem ser “**roubados ao esquecimento** e restituídos a admiração publica” (*in.* Arrais, 2005: 83 a 85).

¹⁰ Crônica intitulada “Proteção da Alegria Popular”, de 17 de janeiro de 1929, publicada no Jornal *A Imprensa* (*in.* Arrais, 2005: 130 a 134). Com essa intenção, de “defender do esquecimento” certos fatos da Cultura Popular, mais tarde, em 30 de abril de **1941**, Cascudo fundou a “Sociedade Brasileira de *Folk-Lore*”, cujo objetivo era a “pesquisa, estudo, sistematização e **defesa** do *Folk-Lore* em todas as suas manifestações” (Zélia Silva, 2003: 71). Naquele tempo não havia no Brasil nenhuma instituição voltada para a preservação da cultura das classes populares (Souza, 1998: 44), o que atesta, mais uma vez, o pioneirismo de Cascudo em termos de sua preocupação com a Cultura Popular. Já em fevereiro de **1958**, influenciado por folcloristas de todo o país, o Presidente Juscelino Kubitschek (que presidiu Brasil de 1956 a 1961) instituiu a “Campanha em **Defesa** do Folclore Brasileiro”, da qual Cascudo participou – em Natal – ajudando ao então Prefeito Djalma Maranhão (*id.*: 71 e 155).

cultura popular (não-oficial) do desaparecimento, já que ela não possui meios oficiais de perpetuação, ou continuidade, e é propensa, por isso, a perder-se ou desaparecer com o passar do tempo. Para ele, o historiador e o etnógrafo ou antropólogo devem procurar, principalmente em nossas culturas locais, aquilo “que é digno de **conservar**, como **atestado vivo** de nossos antepassados” (1998: 44).

Segundo Cláudio Galvão (2003: 160), a intenção de Cascudo era a de “**salvar**” do desaparecimento os fatos e personagens que estavam prestes a desaparecer (ou morrer) da memória coletiva. Em 1928, Cascudo já exprimia sua preocupação com as histórias que “rolam ainda **semi-mortas** na memória colectiva” (1928a: 113). Raimundo Arrais, por sua vez, observa que o “grande impulso intelectual de Cascudo seria dedicado exatamente a recuperar esse tempo da tradição, fixando-o para que ele **não se perdesse** no esquecimento” (Arrais, 2006: 12).

Arrais também cita, analisando as crônicas cascudianas da década de 20, que desde aquela época Cascudo já “invoca[va] o papel do Estado na **proteção** de uma cultura popular que ele vê [via] sob o risco **desaparecimento**” (2005: 10), e afirma que “pelo menos num ponto Cascudo se diferencia da maioria de seus contemporâneos” (da década de 1920): ele “já aparece nessas crônicas como o **folclorista** que se empenha na **preservação** dessas formas tradicionais” de “divertimento popular” (as Festas Populares), até mesmo “chegando a reclamar a intervenção do Estado para a **preservação** dessas manifestações”, alertando para o desaparecimento daquelas tradições (*id.*: 49-50).

Analisando essa interessante crônica de 1929, a qual Arrais se refere (“Proteção da Alegria Popular”), observa-se que Cascudo já enfatizava então a necessidade de *defender* as festas populares, dar-lhes *proteção*, “Para que não emigrem para o outro mundo [para que não morram] depois de terem vivido tanto tempo”, a intenção é a de “**defender do esquecimento**”, já que, critica ele, nós (os natalenses) “possuímos um **solemne desprezo** pelo espírito popular”, ocorre (conosco) uma “**indiferença** muito mais **grossa** que um casco de tatu”, e pergunta em seguida: “Não haverá quem ajude esta gente? Será o seu carácter popular quem nos afasta della, a nós **autofalantes da Democracia?**”, aí sugere a criação de prêmios, em dinheiro, como estímulo para a continuação, viva no dia-a-dia da população, das danças populares; como o Bumba-Meu-Boi, por exemplo, e conclui afirmando que sem a ajuda do governo municipal ou estadual, “todas as festas tradicionais *morrerão*. Morrerão como uma lagôa vai se seccando. Com lentidão e sem parar de secar” (Cascudo, 1929: 130-134).

Resumindo: o objetivo maior de Cascudo sempre foi o do **registro histórico** da riqueza cultural produzida pelo povo, para que não se esqueça dela, para que essa riqueza não se apague e desapareça. Mas é um registro (ou defesa, proteção, preservação), ou ainda, “salvaguarda” – como define hoje a UNESCO (Alberto, 2006: 28) –, de algo que é eminentemente **dinâmico**, flexível, mutante, enfim: **vivo**. Não há, para Cascudo, o “morto” que Michel de Certeau demonstrou haver ao criticar a operação que os primeiros folcloristas franceses fizeram sobre o saber popular.

Os fatos folclóricos registrados por Cascudo, portanto, não são fixos, nem passam a ser cristalizados, ou inertes (“mortos”), a partir do momento em que ele os registra. Nunca foi esse o seu objetivo.

Fixar esses fatos para o futuro, segundo Cascudo, é colocar toda aquela **dinamicidade** no papel, é apenas **registrar** para a posteridade não esquecer, não é **matar** – como fizeram os primeiros folcloristas franceses –, pois na vida real o que há é sempre *transformação* e *dinamismo*.

Por fim, repetindo as palavras da historiadora Martha Abreu (da USP), a verdade incontestável é que Câmara Cascudo “realizou uma obra impressionante, de uma **riqueza inesgotável** para o trabalho de pesquisa e consulta daqueles interessados pela **cultura** produzida pelos **setores populares**” (2003: 62).

Um Aparte Acerca da Acusação de Cascudo ser “Eurocentrista” e “Lusitanista”:

É necessário fazer aqui um aparte para assinalar uma questão que tem a ver com o tema da **perspectiva política de Cascudo** e sua relação com as classes populares, e com o fato de ele ser tido por alguns como conservador, “direitista”, e inclusive, como se fosse uma comprovação disto, ser ele também “eurocentrista” e “lusitanista”.

O historiador da USP Wilson Nascimento Barbosa, estudioso das questões afro-brasileiras (com doutoramento pela Universidade de Lund, na Suécia), analisando o texto de Cascudo *A Cozinha Africana no Brasil* (de 1964) critica a visão “**eurocentrista**” de Cascudo, fazendo porém a ressalva de que essa perspectiva europeizante era “compartilhada, aliás, com quase todos os cientistas sociais brasileiros dele contemporâneos” (2003: 50).

Outro historiador, o indigenista Ednaldo Bezerra de Freitas (com doutoramento em História Social pela USP), professor da Universidade Federal de Roraima, ao tratar do livro *Ensaio de Etnografia Brasileira* (de 1971), de Cascudo, declara que “é preciso pensar Câmara Cascudo dentro de uma tradição mais próxima às **posições oficiais** do país, seja já pelo seu acentuado **lusitanismo**, no que é correligionário a seu contemporâneo Gilberto Freyre” (2003: 71).

Em sendo feita para denegrir a imagem de Cascudo, tachando-o de “direitista” ou conservador, essa crítica não é procedente. Não é porque a Europa, de modo geral, ou Portugal, mais particularmente, têm alguma centralidade no pensamento de Cascudo ou Gilberto Freyre, que estes estudiosos sejam “eurocentristas” ou “lusitanistas”. Não é por esse “centrismo” do elemento branco, colonizador e europeu na vida brasileira que Cascudo compactue com as “**posições oficiais**”, como quer Ednaldo Freitas. A questão é muito mais complexa, mais histórica e maior que a mera vontade de Cascudo ou Freyre.

José Luís Ferreira esclarece para os desavisados (pretensos entendidos da Literatura brasileira) que “tanto no estudo da *formação literária* quanto no estudo da *tradição oral*, a linha de pensamento converge no sentido de mostrar que a predominância do elemento **europeu é fator determinante** na nossa natureza cultural” (2006: 78).

Tratando especificamente da importância dos estudos de Cascudo acerca dessa questão, Ferreira afirma que “seu ponto de vista aponta em **uma direção da qual não podemos nos desviar** ao estudarmos a literatura e a cultura brasileira”. O célebre Antonio Candido, por exemplo, dentre outros estudiosos da Literatura Brasileira, “confirma” o posicionamento de Cascudo “através de trabalhos que buscam uma compreensão mais ampla do mesmo processo [europeização-lusitanismo] na literatura” (*id.*: 78).

O importante, continua Luís Ferreira, não é que este ou aquele outro pesquisador seja chamado de conservador (ou “de direita”) porque compreende e assume que o papel do elemento europeu e português em nossa formação cultural é inegavelmente preponderante, em detrimento das quase dizimadas culturas indígena e negra. Segundo este autor, “o fato que deve ser considerado é a maneira própria como os elementos artísticos, frutos dessa relação *não amistosa* entre colonizador, índio e negro, **subverteram** uma suposta ordem hierárquica e transformaram/**recriaram** em algo *próprio* aquilo que lhes era *imposto* pela cultura dominante”. Mas, mesmo assim, enfatiza Ferreira, “a **subversão** desses elementos **não elimina** a *presença* dos elementos *europeus* da nossa cultura, pois a **língua** impregnada dos traços ideológicos do *dominador* foi a que *prevaleceu*”, e essa é “**uma direção da qual não podemos nos desviar**, não se pode fugir disso, mesmo que se seja indigenista ou africanólogo. Atualmente, entretanto, “a nossa identidade cultural é reconhecida pela *heterogeneidade* que caracteriza a mistura dessas raças” (2006: 78).

Um Aparte Acerca da Perspectiva Político-Partidária de Câmara Cascudo:

O antropólogo Renato Queiroz (da USP) lembra que independentemente de alguns rótulos aplicados a Câmara Cascudo, como o de “conservador”, pensador “de direita”, etc., ele era um intelectual inegavelmente “**comprometido** com os **valores** e saberes materiais e simbólicos **da cultura popular brasileira**” (Queiroz, 2003: 93). Nas palavras do Senador Artur da Távola, a grande marca de Câmara Cascudo é “o amor pelo povo brasileiro, o *respeito* pela cultura que o povo brasileiro cria no seu sofrimento, na sua luta, nos seus costumes, nas suas lendas, na sua capacidade de enfrentar, com toda dificuldade, um dia-a-dia tão complexo, tão difícil e esmagador” (Cascudo-Barreto, 2003: 174).

Já para Marcos Silva adverte que, independentemente do comprometimento de Cascudo com os valores das classes, populares brasileiras, “a **dimensão política**, embora importante, *não se constitui na única via explicativa*” para a obra de Cascudo, que é “um fazer cheio de nuances teóricas, empíricas e estéticas” (2003a: xv).

Ainda de acordo com Marcos Silva, Cascudo “dialogava com algumas **tradições** brasileiras no estudo da cultura popular que **não se confundiam automaticamente**” com a **direita** conservadora. Por exemplo, o historiador da USP cita o diálogo intelectual de Cascudo com autores do porte de: Euclides da Cunha, Capistrano de Abreu, Mário de Andrade, etc. (*id.*: xiv)

Concordo que a obra de Câmara Cascudo deve ser compreendida e utilizada independente da posição política daquele autor, até porque, no caso, por exemplo, da sua adesão passageira ao Integralismo (no início década de 1930, como uma reação ao “comunismo” proclamado pela Coluna Prestes), Cascudo **renegou-a** logo depois de finda a experiência frustrada. Inclusive, em seu tempo da maturidade não gostava nem que se tocasse nesse assunto perto dele: “**não gostava** [sequer] **de lembrar** esta fase de sua vida” (Souza, 1998: 32). Ou seja, ele **não** manteve aqueles ideais pelo restante de sua vida, como princípios morais a serem seguidos.

Cascudo já ressaltava, em seu livro *Movimento da Independência no Rio Grande do Norte*, corrigindo a si mesmo – acerca de uma opinião antiga sua –, que “Escrevendo em julho de 1972 não é possível a mesma interpretação de 1937 (...) nem de 1952 (...). A documentação é imóvel, mas **a visão do historiador modifica-se**, acompanhando a experiência nos cursos ininterruptos da [Universidade da Vida]” (1973: 105).

A Relação de Cascudo com Integralismo de Plínio Salgado (na Década de 1930):

O quadro político brasileiro nas 3 primeiras décadas do Século XX, de acordo com a análise de Itamar de Souza, era o seguinte: “Assim como aconteceu na Europa, as instituições liberal-democráticas do Brasil estavam decadentes”, de modo que “O regime republicano tornara-se prisioneiro das oligarquias regionais, que se perpetuavam no poder através de eleições fraudulentas. **Não havia perspectiva de desenvolvimento nacional.** A questão operária [ao invés de um problema social e político] era tratada de maneira policial”. Foi então que “para reverter esse quadro, surgiram segmentos da classe média urbana, manifestando a sua insatisfação” (Souza, 1998: 29).

Sabemos também que na década de 1920 “havia no Brasil um acentuado apelo patriótico”, exemplificado pelo Movimento Tenentista, pela fundação do Partido Comunista Brasileiro (PCB), em 1922, pela realização da Semana de Arte Moderna (1922), em São Paulo, que “incentivava a descoberta e a valorização da cultura brasileira, e buscava a nossa identidade nacional na cultura popular”, etc. (*id.*: 29).

Já em 1935, os tenentistas e comunistas, fundaram juntos a Aliança Nacional Libertadora (ANL), frente popular anti-Vargas que logo cresceu assustadoramente.

Mas pouco antes disso, em 1932, outros brasileiros de *classe média* que também eram anti-Vargas, mas que **não** aceitavam o **comunismo**, resolveram fundar a Ação Integralista Brasileira (AIB), em 7 de outubro, tendo à frente Plínio Salgado (1901-1975), que fizera um passeio pela Europa e voltara “entusiasmado com o fascismo” de Benito Mussolini, na Itália (*id.*: 29). O integralismo de Plínio Salgado era, portanto, anti-Republicano, anti-liberalismo e claro, anti-comunista. Desse modo,

ressalta Souza, na década 1930 no Brasil “existiam só **duas alternativas** para quem desejasse transformar as estruturas brasileiras: ser comunista ou ser integralista” (*id.*: 30).

O *auge* do integralismo deu-se em **1937**, quando possuía cerca de *200 mil filiados*. Até o famoso e muito querido padre cearense Dom Helder Câmara foi então Integralista, ele que, décadas depois, ficou célebre mundialmente porque, em plena ditadura militar pós-64, foi o primeiro brasileiro a denunciar, na Europa (para todo o mundo ficar sabendo), as torturas praticadas pelo Regime Militar no Brasil.

Câmara Cascudo conhecia Plínio Salgado desde 1921/22, e ao aderir ao Integralismo, anos depois, buscava na Ação Integralista Brasileira “uma nova **alternativa** política”; foi influenciado por sua amizade com o folclorista-integralista cearense Gustavo Barroso que ele decidiu aderir ao Movimento Integralista¹¹.

Em **Natal** a Ação Integralista Brasileira foi fundada em 14 de Julho de **1933**, tendo Câmara Cascudo como um de seus adeptos (assim como os excelentes historiadores potiguares Hélio Galvão e Manuel Rodrigues de Melo). Sua intenção, declarada em diversos artigos que escreveu naquela época, era contribuir para tornar o Brasil uma “Pátria digna e forte”, era reagir “a todas as tiranias”, reagir à indiferença “dos burgueses empapaçados de preguiça, incapazes de reação, de atitude e de gesto, subservientes a todas as tiranias, acovardados ante todas as **ameaças**” (“O Sigma Vitorioso”, *A República*, 15 de agosto de 1933, *in.* Souza, 1998: 31). A “ameaça” a qual Cascudo se refere, provinha da muito capenga proposta de “comunismo” pregada então no Brasil pelos adeptos da Coluna Prestes.

Sem querer defender o Integralismo de Cascudo, mas apenas essa sua declaração feita acima, penso que o socialismo, hoje, enquanto proposta de uma nova sociedade humana mais igualitária, não é “ameaçador”; entretanto, é consenso entre todos os historiadores brasileiros contemporâneos, que entendem do tema “Intentona Comunista de 1935” e daquele contexto histórico, que o comunismo pregado por Carlos Prestes na década de 1930 era, sem dúvida, uma coisa completamente ameaçadora!¹²

Com o Golpe de Estado dado por Getúlio Vargas, em **1937**, implantando a Ditadura do chamado Estado Novo, tanto os Democratas quanto os Comunistas e Integralistas foram proibidos de continuar com suas associações. A AIB, como a ANL foram então **dissolvidas**.

Já descontente com Getúlio Vargas desde a “Revolução” de 1930, capitaneada pelo militar gaúcho, que desempregou vários de seus amigos (além de ter dissolvido a Assembléia Legislativa do Rio Grande do Norte e tê-lo destituído do cargo de Deputado Estadual), após o fechamento da AIB e do exílio forçado de Plínio Salgado, Câmara Cascudo resolveu, aos 39 anos de idade, **abandonar a política partidária** para o restante de sua longa vida.

De acordo com Itamar de Souza, “Depois, [Cascudo] abandonou radicalmente as idéias integralistas e **não gostava** [sequer] que alguém lembrasse esta fase de sua vida” (1998: 213). De acordo com Raimundo Arrais, tratando dessa fase da vida de Cascudo, depois desse fracasso do Integralismo “Com a política partidária, entretanto, ele não queria mais conversa”, e “É possível que essas convicções tenham se fundido num *catolicismo* que ele conservará por toda a vida” (Arrais, 2006: 10).

Por exemplo, instigado a ser Senador em **1952**, por seu amigo Aníbal Fernandes (então Diretor do Jornal *Diário de Pernambuco*), Cascudo respondeu: “Sou candidato ao Senado pelo partido do Cordão Azul”, um dos dois ‘partidos’ do folguado popular *Pastoril*, o outro é o Cordão Vermelho (Arrais, 2006: 10). Na carta de agradecimento a Aníbal, Cascudo escreveu: “Meu colégio eleitoral é reduzido. Conto com votos de Birico e Mateus, do Bumba-meu-Boi; da Diana do Pastoril; do

¹¹ Sobre este assunto, consultar: José Chasin, *O Integralismo de Plínio Salgado* (1978).

¹² O interessado em aprofundar-se neste tema pode pesquisar, por exemplo: Homero Costa, *A Insurreição Comunista de 1935: Natal – O Primeiro Ato da Tragédia* (1995); Fernando Morais, *Olga* (1985); Silva & Bastos, *História do Brasil: Colônia, Império e República* (1976).

Embaixador do rei de Congos (...). Infelizmente, o lobisomen, o Saci, a Mãe D'água, o Negrinho do Pastoreio, o Caipora, Jurupari e Curupira, não têm direito de voto” (Souza, 1998: 65-66; e Cascudo, 1998: 165).

Por fim, Itamar de Souza, que além de historiador é também sociólogo, nos ensina que “**censurar** a postura ideológica [política] do intelectual A ou B, situado à esquerda ou à direita, não deixa de ser, também, um ato de **patrulhamento** ideológico”. Além disso, acrescenta o autor, “**o valor da obra** de um intelectual **não pode ser julgado**, apenas, pela postura ideológica que ele assumiu em determinada conjuntura” (*id.*: 32).

Souza conclui, desse modo, afirmando que “apreciar intelectuais, apenas, pelo prisma ideológico, é passar atestado de **hemiplegia**¹³ espiritual e querer perpetuar o *maniqueísmo inquisitorial*, que foi tão acentuado no século XX (*id.*: 33).

Saindo do assunto do Integralismo, e retornando ao tema do comprometimento de Câmara Cascudo com as classes populares, há que se ressaltar que nesse meio tempo, logo após a 2ª Guerra Mundial, Cascudo fundou em Natal uma **Universidade Popular**, inspirado na experiência que já ocorria na Espanha. Iniciada no Instituto Histórico em 1º de maio de 1948 (Dia do Trabalhador), a Universidade funcionou por um bom tempo, tendo chegado a oferecer 21 aulas/conferências públicas – sempre às 20 horas das quartas-feiras – “dadas” por especialistas de diversas áreas, “sem burocracia” e gratuitamente (Cascudo, *Ontem*, 1998: 36-37). A cada aula-conferência a audiência crescia mais, acontecendo de em algumas daquelas aulas a platéia ter que se mudar para um auditório maior, peregrinando pelas ruas do Centro da cidade. De acordo com Souza, esta iniciativa pioneira de Cascudo, a Universidade Popular, foi um movimento intelectual que “inegavelmente, *fermentou a idéia de Universidade*” no Rio Grande do Norte, proposta que viria a se concretizar somente 10 anos depois, em 1958-59 (1998: 55)¹⁴.

Cascudo na Época da “Ditadura Militar” Pós-1964:

¹³ *Hemiplegia* é uma paralisia que acomete um dos lados do corpo (Ferreira, 2001: 361). No caso desta metáfora de Souza (de hemiplegia “espiritual”), significa que a pessoa que avalia a obra de um autor não pelo que ela tem de importante para a cultura geral, e sim, pela sua posição política, em algum momento de sua vida, está demonstrando que raciocina com apenas uma metade de seu intelecto, ou, somente utiliza metade de sua capacidade de entendimento. Já o “maniqueísmo inquisitorial” ainda presente no Século XX, diz respeito a certas pessoas que acham que são “juizes” (e inquisidores), e vivem a dividir a tudo e a todos por apenas duas categorias: os “bons” e os “maus”, não havendo meio termo nem perdão em seus julgamentos.

¹⁴ 20 anos antes disso, em sua crônica de 1929, “E a Nossa Universidade Popular?” (de 24/01/1929), Cascudo narra que, já em **1928**, o Instituto Histórico do Rio Grande do Norte (IHG/RN) anunciou um ciclo de conferências que inaugurava **a 1ª Universidade Popular do Rio Grande do Norte**; entretanto, só houve uma das palestras anunciadas (proferida por Dom José). Cascudo lamenta que foi um “Já-Teve muito triste [Natal Já-Teve isto, Já-Teve aquilo..., hoje, não tem mais!]”, e propõe: “O que **todos nós carecemos** é de uma sociedade que *uma vez por mês*, para muita ou pouca gente, ofereça uma palestra que deixe alguma coisa”, por isso, a Universidade Popular “deveria ressuscitar”. Triste com aquela situação, Cascudo propõe ainda: “tinha eu um plano de **estudos populares** que seria curioso”: um palestrante falaria de sua viagem ao Egito e ao Sudão; outro, falaria sobre remédios populares (Dr. Januário Cicco), essa “ciência tradicional” que é a “farmacopéia popular”; Juvenal Lamartine, por exemplo, falaria sobre o *sertão antigo*; um desembargador falaria da interessante vida de um Juiz de Direito no interior. Esclarecendo ainda mais a sua proposta, Cascudo ressalva: as aulas não teriam “nada de comprideza [de discursos longos e chatos]”, nada de “tentativa de falar bonito. E era, simplesmente, o fato e o comentário, sério-cômico” pois, acima de tudo, “o fator conhecimento-próprio seria preferido aos demais”. Não é preciso explicar, conclui o autor, “o contingente cultural que estas palestras trariam para a mais completa difusão da *psicologia do Povo*” (Cascudo, 1929a: 115-118).

Já sobre a época mais recente da ditadura do Regime Militar no Brasil (1964-1985), Raimundo Arrais lembra que “Câmara Cascudo **não** se manifestou explicitamente **a favor** do regime militar” vigente no Brasil após 1964. Com certeza, se ele tivesse se manifestado contra a ditadura o resultado seria este: **dentre os que se manifestaram** explicitamente **contra** a política ditatorial do regime, ainda segundo Arrais, (numa cidade como Natal, “em que haveria um ou dois comunistas declarados”): **muitas** pessoas foram **presas** “sob a acusação de atividades comunistas” (Arrais, 2006: 18)¹⁵.

O que se sabe de concreto sobre esta época **negra** da vida política (e social) brasileira, é que Djalma Maranhão, o Prefeito de Natal deposto pela ditadura em 1964, teve em Câmara Cascudo “**um forte aliado** e incansável incentivador”, no que se refere à sensibilidade de Djalma pela cultura popular¹⁶. Desde fevereiro de 1958, quando o Natal instituiu a “Campanha em Defesa do Folclore Brasileiro”, Djalma Maranhão – então em seu 1º mandato como Prefeito – contou com a colaboração de Cascudo “na implementação de programas e projetos visando à revitalização dos folguedos populares em Natal. O apoio à cultura popular foi uma marca registrada, inconfundível, da [sua] administração” (Souza, 1998: 71 e 155; ver também Cascudo-Barreto, 2003: 50).

Segundo o depoimento de uma testemunha ocular daqueles acontecimentos, Mailde Pinto Galvão, “Na sua genialidade de historiador e folclorista, [Câmara Cascudo] buscava no *contato com o povo* a essência da cultura, das raízes populares que transformava em livros e ensinamentos” (2004a: 98).

Em março de 1961 Mailde assumiu a *Diretora de Documentação e Cultura (DDC)*, como uma das executoras do *Programa de Valorização e Democratização da Cultura (PVDC)*, idealizado pelo Prefeito Djalma Maranhão. Depois de 1º de abril de 1964, dia do Golpe Militar, ela esteve na **prisão militar** do 16º Regimento de Infantaria do Exército, e respondeu a Processo “na Auditoria Militar do Recife, sob a **acusação de subversão** no trabalho desenvolvido para a DDC” (Galvão, 2004a: 103).

Segundo o historiador Marcos Silva (2007a: 184), Mailde Galvão conta em seu livro (1964: *Aconteceu em Abril*) a experiência de pessoas que, tal como ela, “atraíram a **fúria ditatorial** por terem participado da administração municipal natalense cassada”, do Prefeito Djalma Maranhão. Ela escreve também, nas palavras de Silva, sobre pessoas que participarem “de movimentos e instituições até então minimamente críticas em relação ao capitalismo”. Sem graus de diferenciação, “Indistintamente, essas figuras ‘**ameaçadoras**’ (para o olhar ditatorial) foram agrupadas sob o rótulo genérico de ‘**comunistas**’”.

Como se sabe, aquele Prefeito cassado pelo Regime Militar priorizava em seu Programa de Governo: “a erradicação do analfabetismo e a democratização da cultura” (Galvão, 2004a: 98). Nesse ínterim, afirma Mailde que foram “**muitos os momentos**” nos quais Câmara Cascudo contribuiu para as realizações culturais da Diretoria de Documentação e Cultura. E ela ainda esclarece que era óbvio que “**Ele tinha consciência de seu poder** e da **cumplicidade** para o nosso trabalho” (*id.*: 102).

O sociólogo Carlos Benedito Marins afirma, referindo-se à Sociologia – porém num discurso que se estende para todas as Ciências Sociais –, que interessa às Ciências (e aos intelectuais), sobretudo, intervir e mudar os rumos da sociedade. Desse modo, a Sociologia, assim como a Antropologia/Etnografia sempre foram, segundo Martins, “algo mais do que *mera tentativa de reflexão* sobre a moderna sociedade. Suas *explicações* sempre contiveram [da parte dos intelectuais] **intenções**

¹⁵ Sobre esta triste época de nossa história, especificamente acerca das prisões e mortes ocorridas no Rio Grande do Norte, é importantíssima leitura do livro de Mailde Pinto Galvão: 1964: *Aconteceu em Abril*, de 2004.

¹⁶ Djalma Maranhão (1915-1971) era filho de Luís de Albuquerque Maranhão e D. Salomé de Carvalho Albuquerque Maranhão. Foi Prefeito de Natal por duas vezes: de 1956 a 1958, nomeado pelo Governador Dinarte Mariz; e de novembro de 1960 a 1º de abril de 1964, eleito por voto direto (pelo Partido Trabalhista Nacional). Também foi Deputado Federal pelo Rio Grande do Norte, de 1959 a 1960 (Souza, 1998: 71). Inicialmente, logo após o Golpe Militar o Prefeito de Natal foi preso, tendo passado por quartéis do Exército em Natal, na Ilha de Fernando de Noronha e em Recife. Seus direitos políticos foram cassados por 10 anos. Em dezembro de 1964 foi libertado por ordem do Supremo Tribunal Federal, indo exilar-se no Uruguai. Na capital desse país, Montevideu, Djalma faleceu (“com muitas de saudades de Natal”, como é sabido por todos) em 30 de julho de 1971, aos 56 anos de idade.

práticas, um desejo de interferir no rumo desta civilização, tanto para manter como para **alterar os fundamentos da sociedade** que a impulsionaram e a tornaram possível” (1986: 33).

Nas palavras da autora/vítima do Regime Militar, Câmara Cascudo foi, desde 1961 até 1964, “Inspirador e mentor do nosso trabalho, Cascudo estimulou e participou pessoalmente do esforço pelo resgate das tradições populares”. Ele estava “sempre à disposição para consultas ou colaboração”, e, além de estimular aquele “subversivo” trabalho, ainda “cobrava uma boa execução do nosso trabalho”. Inclusive, acrescenta Mailde, os trabalhos de apoio ao Folclore potiguar chegaram inclusive, “aos acampamentos de alfabetização da campanha *DE PÉ NO CHÃO TAMBÉM SE APRENDE A LER*, onde se formaram diversos grupos [de danças infantis]” (Galvão, 2004: 98-101)¹⁷. E ainda existem autores desavisados, pouco entendedores da obra e vida de Cascudo, que acham que ele foi “**politicamente conservador**” (Jóis Alberto, 2006: 47); acham seu “pensamento conservador” (Góes, 2003: 229 e 2007: 104); “aristocrático” (Paulino, 2003: 139)¹⁸.

Por incrível que possa parecer para alguns “estudiosos” desinformados (ou parcamente informados) sobre nossa História Potiguar recente, no setor de Pesquisa e Documentação da *Diretoria de Documentação e Cultura (DDC)*, à época do Golpe Militar, Mailde Galvão conta que havia diversas gravações de discursos de Câmara Cascudo, e lembra que quando aconteceu o Golpe Militar, o Exército apreendeu toda a documentação como “**materiais subversivos**”, incluindo-se aí, ressalte-se, os discursos de Cascudo (*id.*: 102).

Por fim, há que ressaltar ainda que em 1964 Câmara Cascudo já era um senhor de **66 anos de idade**. Em 1966, obviamente cansado de uma vida toda de trabalho, aposentou-se.

Fazendo um resumo sobre o que ele viu, em termos de política partidária no Brasil desde o início do Século XX, compreendemos que:

- em **1930**, com a Revolução de Vargas, Cascudo perdeu seu mandato de Deputado Estadual, que só durou 5 dias (Souza, 1998: 24), além de ver vários amigos seus destituídos de seus cargos, perseguidos e exilados. Até mesmo o seu plano de trazer Mário de Andrade para Natal, uma vez por ano, fracassou por causa dessa Revolução (Souza, 1998: 20; ver nota de rodapé nº 21);

- em **1937**, com o Golpe de Estado e a implantação da **Ditadura de Vargas**, Cascudo viu, mais uma vez, seus sonhos políticos (como a adesão ao Integralismo) afundarem;

- e em **1964**, para ficar apenas em um exemplo, mais uma *ditadura* depôs e expulsou do país o seu amigo Prefeito de Natal, Djalma Maranhão, destruindo por completo todo um belíssimo trabalho de apoio às classes populares, em prol da cultura popular, e que tinha o apoio incondicional de Cascudo.

Isto significa que por ocasião da Ditadura Militar de 64, outra vez, só havia duas alternativas para o professor Cascudo:

- 1) ou **se manifestar** explicitamente **contra** o Regime Militar – numa pequena cidade como Natal, onde *muitas* pessoas foram **presas** “sob a acusação de atividades comunistas” (Arrais, 2006: 18), além das que foram torturadas, mortas ou expulsas do país;

- 2) ou, mais uma vez, calar-se, escolher trabalhar e viver em paz, e recolher-se à sua “insignificância”. Calejado de uma vida dura de trabalho e de injustiças, cansado de políticos autoritários e de ditaduras destruidoras de homens e mulheres, o velho professor Cascudo, contando 66 anos de uma vida inteiramente dedicada ao ensino e à preservação/perpetuação do saber popular, escolheu esta segunda alternativa.

¹⁷ Este Programa de Alfabetização idealizado por Paulo Freire e implementado por Djalma Maranhão, chegou a ser premiado pela *UNESCO* como exemplo para o mundo todo.

¹⁸ O célebre paraibano Ariano Suassuna diz que no Brasil somente o que vem do povo, ou de quem se alia a ele, pode ser considerado Nacional. Ou seja, a cultura oficial, branca, colonizadora, burguesa, etc., com seus estrangeirismos, Coca-Cola, Mc'Donnalds, etc., obviamente, não é nacional. Para ele: “No Brasil, **só é verdadeiramente nacional o que é popular**, ou então **aquilo que se liga ao popular**”. Citando o exemplo do gravador Gilvan Samico, assim como poderia citar também Câmara Cascudo, Suassuna complementa: ele “não é homem do povo, mas é tão brasileiro quanto eles porque se liga ao popular” (2007: 38).

Apenas para dar um exemplo sobre as idéias *políticas* de Cascudo, cito uma análise sua desta época: num relato de **1963**, podemos apreender como o etnógrafo potiguar considerava a relação da raça negra com o poderio dos “brancos” e sua supremacia econômica; em uma de suas poucas expressões críticas à economia e ao poder das “elites”, Cascudo escreveu (avaliando o trabalho do homem que carrega o Riquixá¹⁹, na África) que via ali: “um homem **oprimido** pela **ganância ‘branca’**, não lhe permitindo oportunidade de ascensão econômica” (1998: 146).

O Senador Artur da Távola declarou, em discurso no Senado Federal, a 14 de dezembro de 1998 (ano de comemoração dos 100 anos de Cascudo), que “quanto mais informação provinda dos grandes centros, maior a *diluição das culturas regionais*”; e demonstra sua preocupação com “perigo” dessas culturas desaparecerem, e com a “importância de sua preservação”, lembrando da importância de uma Antropologia que mantenha vivo o estudo da cultura popular. Távola afirma então que a obra de Câmara Cascudo “vai na corrente contrária” às formas culturais que propagam a “**cultura da unanimidade** [difundida pelos meios de comunicação de massa, a indústria cultural, que] busca levar todo mundo a pensar mais ou menos o mesmo sobre determinadas pessoas ou fatos”. Segundo ele, isto faz parte de um “processo ideológico” que “acaba por modelar o comportamento das pessoas e paralisar o processo cultural” (Discurso transcrito em Anna Cascudo-Barreto, 2003: 173-174).

Nesse sentido, continua o Senador, essa Cultura de Elite, por ser ideológica, “É uma cultura destinada a formas de dominação” que pretende “fazer com que as pessoas pensem exclusivamente em torno das **unanimidades** criadas”. E é esta Cultura de Dominação, ideologizada, manipulada pelos poderes dominantes, que procura ser unânime e **única**: “É a **cultura usada como poder** daquela **minoría** que o detém, que é até **hostil** às formas de divulgação de outras culturas”. O Senador conclui reafirmando então que Cascudo “é, portanto, uma **oposição** a tudo isso” (*id.*: 174).

Antes deste discurso de Távola, o Deputado Federal Aldo Rebelo (do Partido Comunista do Brasil/PC do B), em discurso na Câmara Federal – a 26 de maio de 1998 – declarou que “Cascudo comungou naquilo que é mais importante e fundamental, com os postulados que *eu defendo*. *Legou*, se não como parlamentar ou militante político, mas como estudioso, **uma obra revolucionária, transformadora**, que é exemplo de brasilidade” (Cascudo-Barreto, 2003: 168).

Finda então toda essa a discussão sobre Câmara Cascudo e seu Método de pesquisa e análise, sua relação com as classes populares e seu posicionamento político em relação às classes populares, a partir do exposto concluo repetindo a definição de Marlise Meyer (da USP): o método cascudiano é um “**método não-metódico**” (2003: 176). Comparando-se o seu método de investigação e análise com o dos Antropólogos acadêmicos, o dos “cientistas”, podemos afirmar que seu método pode ser denominado de um “**método não-metódico**”, ainda que possua, como se viu acima, aspectos, elementos, características e passos muito bem determinados.

Referências (rever):

¹⁹ O **Riquixá**, ou Riquexó, segundo o Dicionário de Houaiss, é um “veículo pequeno e leve, de duas rodas, geralmente para um só passageiro, eventualmente de carga, puxado por um homem a pé; originário do Japão, mas de uso em vários locais do Oriente”. Variações: *oriquixá*, *oriquexó*. A palavra vem da língua japonesa: *djinrikixa*, de *djin* – homem + *riki* – força + *xá* – veículo (Houaiss, 2004: 2461; ver Aurélio Ferreira, 2001: 1512; e Michaelis, 2005: 1848). Ver também o verbete Jinriquirá (Houaiss, 2004: 1682; e Michaelis, 2005: 1202). Na capa deste livro, que o leitor tem em mãos, há uma foto de Cascudo, na África, passeando de Riquixá.

- ALBERTO, Jóis. “Cultura Local em Época de Globalização”. In. **Brouhaha**. Natal: PMN/FUNCART, nº 4, trimestral, abril-maio- junho de 2006.
- BERGAMASCO, Daniel; BRONZATTO, Thiago; GONÇALVES, Eduardo. “A Ameaça das *Fake News* [Notícias Falsas]”. **Revista Veja**. São Paulo: Abril Cultural, 17 de janeiro de 2018.
- BILAC, Olavo. “Nossa Carta de ABC”. In. LAJOLO, Marisa (Org.). **Leituras da Vida**. São Paulo: Moderna, 2003. (Coleção *Palavras da Gente*, volume 2: Crônica e Conto).
- BRASIL: NUNCA MAIS**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- CASCUDO, Daliana (Org.). **Câmara Cascudo: 20 Anos de Encantamento**. Natal: EdUFRN, 2007.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Em Memória de Stradelli**. Manaus: Governo do Estado do Amazonas, 1936.
- _____. **Gente Viva – Memórias**. Natal: EdUFRN, 2010 [1ª edição: 1970].
- _____. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 12ª edição, versão definitiva, revista por Daliana Cascudo. São Paulo: Global, 2012.
- CASCUDO-BARRETO, Anna Maria. “Ensaio de Abertura – Compromisso com a Verdade”. In. SALES, André Valério. **Câmara Cascudo: Sua Teoria Folclórica, o Método de Pesquisa e sua Relação Política com as Classes Populares**. João Pessoa: EdUFPB, 2007.
- _____. **O Colecionador de Crepúsculos – Fotobiografia de Luís da Câmara Cascudo**. Brasília: Gráfica do Senado. 2003.
- ECO, Humberto. “Adaptação”. In. MANZONI, Alessandro. **Os Noivos**. Rio de Janeiro: Galera Record, 2012. (Trad. Eliane Aguiar).
- GALVÃO, Mailde Pinto. **1964: Aconteceu em Abril**. 2ª ed. Natal: EdUFRN, 2004.
- _____. “Uma Experiência de Cultura Popular”. In. MAIA, Isaura A. Rosado. **Cascudo: Guardiã das Nossas Tradições**. Natal: FGD/FVUR, 2004a.
- GÓES, Moacyr. “Ontem”. In. SILVA, Marcos Antonio (Org.). **Dicionário Crítico – Câmara Cascudo**. São Paulo: Perspectiva/USP/Fapesp; Natal: EdUFRN/FJA, 2003.
- _____. “Tempos de Cascudo”. In. CASCUDO, Daliana (Org.). **Câmara Cascudo: 20 Anos de Encantamento**. Natal: EdUFRN, 2007.
- GRANATO, Fernando. **O Negro da Chibata: o Marinheiro que Colocou a República na Mira dos Canhões**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.
- MARANHÃO, Djalma. **Mestre do Folclore Brasileiro**. 3ª edição. Natal: Sebo Vermelho, 1999.
- MARANHÃO, Marcos. “Prefácio”. **Mestre do Folclore Brasileiro**. 3ª edição. Natal: Sebo Vermelho, 1999.
- MARINHO, Francisco Fernandes. **Câmara Cascudo e o I Congresso Luso-Brasileiro de Folclore**. Natal: RN/Econômico, 2006.
- _____. “Câmara Cascudo e a Península Ibérica”. In. CASCUDO, Daliana (Org.). **Câmara Cascudo: 20 Anos de Encantamento**. Natal: EdUFRN, 2007.
- MARTINS, Carlos Benedito. **O que é Sociologia**. 13ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. **História Oral e Memória – A Cultura Popular Revisitada**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 1994. (Coleção Caminhos da História).
- NAGOYA, Otávio. “Câmara Cascudo (1898-1986): Observador dos Costumes Brasileiros”. **Coleções Caros Amigos: Câmara Cascudo e Graziela M. Barroso** (Grandes Cientistas Brasileiros). Fascículo nº 9. São Paulo: Editora Casa Amarela; sem data.
- NEIVA, Lia. **A Gata do Rio Nilo**. São Paulo: Globo, 2011.

- PAULINO, Bianor. “Jangada”. In. SILVA, Marcos Antonio (Org.). **Dicionário Crítico – Câmara Cascudo**. São Paulo: Perspectiva/USP/Fapesp; Natal: EdUFRN/FJA, 2003.
- PEDREIRA, Flávia de Sá. **Chiclete eu Misturo com Banana: Carnaval e Cotidiano de Guerra em Natal (1920-1945)**. Natal: EdUFRN, 2005.
- QUEIROZ, Rachel & QUEIROZ, Maria Luíza. **Tantos Anos: Uma Biografia**. 4ª ed. São Paulo: Arx, 2004.
- SALES, André Valério. **Câmara Cascudo: O Que é Folclore, Lenda, Mito e a Presença Lendária dos Holandeses no Brasil**. João Pessoa: EdUEPB, 2007. In. <https://www.researchgate.net>.
- SALES, André Valério. **Canudos, Os Sertões e a História de um Herói Potiguar**. João Pessoa: EdUEPB, 2010. In. <https://www.researchgate.net>
- SALES, André Valério. **Lugares e Personalidades Históricas de Arez/RN**. João Pessoa: EdUEPB, 2012. In. <https://www.researchgate.net>.
- SALES, André Valério. **Câmara Cascudo e Seu Erudito Preparo Linguístico no Romance *Canto de Muro***. João Pessoa: Mídia, 2013. In. <https://www.researchgate.net>.
- SALES, André Valério. **Câmara Cascudo e Hábitos Judaicos Presentes no Cotidiano dos Brasileiros e em Arez/RN**. João Pessoa: Mídia/Natal: União Brasileira de Escritores, 2014. In. <https://www.researchgate.net>.
- SALES, André Valério. **Arez/RN: História e Política**. João Pessoa, Editora Mídia, 2017. In. <https://www.researchgate.net>.
- SALES, André Valério. **Câmara Cascudo, Hajstrup, Arez e Cunhaú: Histórias Mal Contadas**. João Pessoa: Mídia, 2018. In. <https://www.researchgate.net>.
- SAINT-EXUPÉRY, Antoine. **Terra dos Homens**. 21ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979. (trad. Rubem Braga, 1ª edição: 1939).
- _____. **O Pequeno Príncipe**. Rio de Janeiro: Agir, 2003. (trad. Vânia Maria Rezende, 1ª edição: 1935).
- SILVA, Marcos Antonio (Org.). **Dicionário Crítico – Câmara Cascudo**. São Paulo: Perspectiva/USP/Fapesp; Natal: EdUFRN/FJA, 2003.
- _____.(Org.). **Viva Luiz Damasceno!** Natal: EdUFRN, 2003b.
- SILVA, Marcos. **Câmara Cascudo, Dona Nazaré de Souza & Cia: Guerras do Alecrim – “1964 e Outras Correntezas: Um Coração nas Trevas”**. São Paulo: Terceira Margem, Natal: EdUFRN, 2007.
- SOUZA, Itamar. **Câmara Cascudo: Vida & Obra**. Natal: Gráfica do Diário de Natal/Projeto Ler, 1998.
- SUASSUNA, Ariano. **Aula Magna (UEPB, 16/11/1992)**. João Pessoa: EdUEPB, 2007. (Edição Comemorativa dos Seus 80 Anos).
- VILLORO, Juan. **O Livro Selvagem**. Curitiba: A Página, 2012. (trad. Antônio Xerxenesky).

Filmes Citados:

- “O que é isso, companheiro?”. 1997 (Diretor: Bruno Barreto).
- “O ano em que meus pais saíram de férias”. 2006 (Direção: Cao Hamburger).
- “Zuzu Angel”. 2006 (Direção: Sergio Rezende).